

O PÓLO INDUSTRIAL DA SERRA DO PILAR

GONÇALVES GUIMARÃES

Terreno agrícola desde a sua ocupação medievla, viu desde cedo a Serra do Pilar chegar-se-lhe a tentativa de algumas indústrias. Já no século XVI existia perto da ermida de S. Nicolau o «guindastre» com que se emastavam as naus construídas nas Tarracenas de Vila Nova¹. No início do século XVII há notícias de fornos oleiros na sua encosta poente, na travessa da Barroca, no caminho que ia da rua Direita para o mosteiro da Serra². Mas tudo isto muito cá em baixo, muito perto de Vila Nova e da sua actividade ribeirinha.

A indústria, na acepção própria do termo, só aqui se desenvolve em meados do século XIX. E na realidade não foi a Serra do Pilar um dos primeiros «polos industriais» de Vila Nova de Gaia. Se falarmos da «indústria» da preparação e lotagem de vinhos de embarque (Vinho do Porto e outros), tão intimamente ligada à tanoaria, já pelo menos desde o século XVII que os armazéns preferiam situar-se junto à Praia de Vila Nova e Largo da Cruz, pois assim ficavam perto do rio. Quando aí faltava o espaço disponível preferiam a rua Direita, a Calçada das Freiras, as Costeiras e Rei Ramiro. As novas empresas que se iam criando tinham de contentar-se em construir os seus armazéns a cotas cada vez mais altas, até que a chegada do comboio às Devesas em 1864 veio contrabalançar a importância do Rio Douro como estrada, até aí única, para receber as matérias primas, os combustíveis e escoar os produtos fabricados³.

Desde as últimas décadas do século XVIII que as fábricas de cerâmica se estavam a instalar na área disponível entre a Afurada e o convento de Vale da Piedade, a poente de Gaia, como por exemplo as fábricas do Cavaquinho (1786), da Afurada (1789) e Vale da Piedade (1790). Mas já nas primeiras décadas do século XIX, e ao longo das seguintes, preferem fixar-se na zona da Fervença/Torrinha/Mesquita⁴. Ali se encontram as novas unidades com alguma produção de serralharia (Viuva Rios & Filhos; <1861)⁵, mas em 1858 a fábrica de cerâmica da Fervença muda-se para a fábrica do Cavaquinho, devido às suas instalações terem sido parcialmente demolidas pela abertura da *Estrada nova* (mais tarde denominada rua General Torres), que do alto da Bandeira conduzia à Ponte Pênsil⁶. Não obstante esta alteração urbanística, que fez reduzir a área do lugar da Mesquita e separou a Quinta da Torrinha para poente, a zona da Fervença vai continuar a acolher algumas indústrias: para além de ali continuar a Fábrica de cerâmica da Torrinha, fundada em 1843 e que só virá a encerrar depois de 1912⁷, junta-se-lhe a tanoaria de José Rodrigues de Sousa Gomes em 1894⁸.

Logo adiante, na rua que veio a circundar a antiga Cerca dos cruzios pelo Sul, que em 1880 recebe o nome de Luís de Camões⁹, instala-se também em 1894 a serralharia de Henrique José de Oliveira, que produzia fogões e cofres fortes¹⁰.

Na realidade trata-se de pequenas unidades industriais que iam ocupando a periferia do antigo Mosteiro, conservando-se no entanto relativamente perto do centro nevrálgico de Vila Nova: a velha rua Direita, onde, e apenas a título de curiosidade, se assinala em 1899 a existência no n.º 129 de uma «Agência

especial para o registo e depósito de marcas, desenhos e modelos e obtenção de privilégios de invenção», de que era agente Francisco Gomes Teixeira¹¹. Na zona norte da Serra, voltada ao rio, tinha aparecido em data anterior a 1861 a fábrica de cola do Sr. d'Além de efémera duração¹² e que deverá ter cedido as instalações para alargamento da fábrica de cerâmica que por volta de 1861 ali se tinha instalado no abandonado Hospício dos Carmelitas Descalços¹³, que em 1875 pertence à firma Vieira Braga & Irmão e em 1897 a João António Vieira Braga, tendo depois em 1908 pertencido à firma Barbosa Branco & C.^a e na década seguinte a José Pereira Valente Júnior, ex-proprietário de uma fábrica de louças nas Devesas¹⁴. O rio Douro e a nova Ponte Pênsil eram em meados do século as vias apelativas para a instalação destas indústrias.

Ainda fora da Cerca, mas do lado nascente da Serra do Pilar, laborava desde 1883 a Fábrica de Gelo e sulfureto de carbono de Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva¹⁵. Foi talvez a disponibilidade de terrenos então muito pouco urbanizados, a facilidade de acessos a águas abundantes e sobretudo o isolamento necessário devido aos maus cheiros produzidos pelo manuseamento dos derivados do enxofre que levaram esta fábrica a instalar-se na encosta da Serra voltada a Nordeste, tendo no entanto facilidade de acessos quer pelo rio, através do porto de Quebrantões, quer por terra, pelo velho caminho entre este lugar e Vila Nova que passava pelo Sr. d'Além. Esta empresa, que encerrou apenas na presente década de noventa, em 1897 tinha como administrador Albano Cordeiro Cascão e como mestre João Pinto do Couto¹⁶.

Em 1912 denominava-se apenas Guimarães Pestana & C.^a Limitada¹⁷ mas as suas instalações já tinham crescido e continuariam a aumentar até à segunda metade deste século. De 1944 existe no Arquivo Geral da Câmara de Gaia um pedido de ampliação para as suas instalações que então já comportavam vários reservatórios de água, de enxofre, de carvão vegetal, para além dos de sulfureto de carbono, fornos deste produto e também de olaria, uma destilação Deiss e uma instalação Zahn ligada à respectiva chaminé, uma serralharia, um gasómetro de 50 m³, uma cabine de 15.000 v e várias outras instalações fabris, para além de conservar as antigas instalações de fabrico do gelo¹⁸.

Em 1948 a fábrica pertencia ao grupo da Companhia União Fabril¹⁹, vindo depois a integrar-se na Quimigal, tendo sido encerrada devido à construção da nova ponte ferroviária.

Hoje encontra-se ali instalado um departamento dos Caminhos de Ferro Portugueses (REFER) em parte das suas instalações.

Em 1889, também na periferia da Serra do Pilar mas a Sudeste, instala-se uma grande unidade de produção de vinhos e aguardentes denominada Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal²⁰, que então ocupa extensos terrenos no lugar de Seguelos, incluindo o túnel da Serra do Pilar que começava na Quinta da Boavista (junto à casa do Conde de Castro, ministro das obras públicas e perto de onde se implantou o apeadeiro de General Torres) e terminava naquele lugar, tendo uma extensão de 450 metros²¹. Como a Casa Eiffel não construiu a ponte ferroviária no areinho de Oliveira do Douro, este túnel ficou sem qualquer serventia, tendo sido alugado em 1883 pelo Estado ao já referido proprietário da fábrica de gelo da Serra do Pilar, que daqui levava a água para a obtenção daquele produto. Por esse motivo veio ele a integrar a direcção da Real Vinícola como seu fundador²².

Entretanto no início da *Estrada nova*, que por Poente circundava a Serra do Pilar e os já referidos lugares da Fervença, da Torrinha e da Mesquita, instalavam-se

no final do século algumas pequenas unidades fabris, como a Tipografia Barbosa, de Francisco Martins Barbosa. Fundada em 1890, em 1897 estava instalada no n.º 32 da rua General Torres, mas em 1912 já se encontrava no n.º 30 da rua Senhor d'Além, depois denominada rua Cabo Simão²³.

Em 1950 a firma pertencia a António Martins Barbosa, filho do seu fundador, que residia por cima da oficina²⁴.

Mas no final do século passado era ainda na Fervença, na rua do Pilar, na Calçada da Serra e sobretudo no Senhor d'Além que continuavam a aparecer pequenas unidades produtivas. Em 1897 encontramos na rua do Pilar n.º 8 a tanoaria de Luís Maria Teixeira e Melo e em 1899 a de Manuel Joaquim de Sousa; naquela primeira data existia na Calçada da Serra n.º 51 a tinturaria de António Vieira; na rua do Sr. d'Além, também naquela data, instalavam-se, a refinaria de açúcar de José dos Santos Rufino, as fábricas de rolhas de Dias & Cunha e a tanoaria de Lino dos Santos que, no entanto, em 1899, se muda para a Calçada da Serra, 31, quando no Senhor d'Além se instala a tanoaria de Alberto Rebelo Valente²⁵.

Vemos assim que até ao final do século XIX não há unidades fabris dentro da antiga Cerca do mosteiro; a explicação talvez resida no facto de os terrenos ainda então serem considerados agrícolas e no facto do Ministério da Guerra, detentor do usufruto de grande parte desses mesmos terrenos, apenas autorizar a construção de habitações com a condição de os proprietários assumirem o onus da demolição imediata no caso da instituição militar vir a necessitar de toda a área disponível, o que obrigaria à expropriação dos terrenos entretanto vendidos ou alugados. Este segundo facto explica também porque é que muitas das casas do bairro da Serra foram construídas em madeira e tabique, com o reboco recoberto a escamas de lousa, e não em pedra, o que dificultaria e oneraria a sua possível demolição²⁶.

Mas se tal poderia ser aceitável em termos de habitação, era-o difícil em termos de construção de unidades fabris, muitas delas necessitando de estruturas e maquinaria pesada. No entanto, e socialmente falando, já na Serra do Pilar se tinham instalado algumas agremiações de homens da indústria: em 1899 existia ali a *Cooperativa de Crédito e Consumo do Proletariado da Serra do Pilar*, com sede na rua Luís de Camões e de que era cartorário Zeferino Dias da Costa, e a *Assembleia da Serra do Pilar*, com sede na rua Doutor Avides (depois Elias Garcia), de que era presidente da Assembleia Geral, Apolino da Costa Reis, industrial de litografia e editor²⁷. Ainda no final do século erguera no gaveto daquela artéria com a rua Afonso de Albuquerque umas instalações modelares de tipografia e litografia denominadas *Real Typographia e Lithographia Lusitana*. Tendo iniciado a sua actividade no Porto em 1865, transferiu depois a sua empresa para o novo polo industrial da Serra do Pilar, onde em breve se dedicava também à metalografia (impressão em folha de Flandres). Em 1925 seria esta unidade fabril a primeira litografia portuguesa a imprimir selos do correio, até aí impressos no estrangeiro. Nas suas instalações funcionaram igualmente as edições *Pátria* e *Apolino*. Em 1941 a firma foi vendida pelos seus descendentes a Alberto de Sousa, proprietário da Litografia Nacional que de novo leva a Lusitana para o Porto²⁸.

As antigas instalações passam depois a albergar a Fábrica de Artigos de Metal (FAMA), que se especializou em fogareiros a petróleo²⁹. Nos anos sessenta esta firma dá lugar a um depósito de garrafas de gaz Cidla e garagem de recolha e oficina de reparações de automóveis, que até hoje ali se mantém.

Regredindo outra vez no tempo, seria pois o rompimento de uma nova artéria pela antiga Cerca do mosteiro no início deste século que viria alterar esta situação: referimo-nos à avenida Campos Henriques, entre a entrada da Ponte Luís I, o Morro da Serra e a rua Luís de Camões, troço esse que hoje faz parte da avenida da República³⁰. Logo nos primeiros anos ali se implanta a grande *Fábrica do Pilar* de Manuel Milhano Sanches & C.^a, unidade de fiação que fornecia as próprias fábricas da Covilhã, conforme se pode ver num anúncio publicado no livro *Mea Villa de Gaya* de 1909³¹. Porém em 1912, no *Almanach de Gaya*, aparece como *Fábrica Milhano*, enquanto que a Fábrica do Pilar é propriedade de Álvaro Júlio d'Oliveira, ambas dedicadas à fiação de lã e ambas situadas na já então denominada avenida da República³², o que nos leva a pensar num conflito de apropriação toponímica. Mas não chegaram sequer a meados do século: ambas foram demolidas e os terrenos deram lugar a edifícios de habitação e comércio.

Em 1912 estas duas fábricas produziam também artigos em malha, que então se tornavam populares, no que estavam acompanhadas pela firma Guimarães & Amaral com sede na rua dos Polacos, que igualmente fabricava sapatos de liga e feltro³³, onde depois se vieram a implantar nos anos quarenta as *Manufaturas Reunidas, Lda.* (MANU), empresa que deixou de laborar nos anos setenta e cujas instalações jazem em completo abandono. Nos anos cinquenta este complexo fabril era constituído por uma enorme fábrica, um armazém, uma ilha denominada «Boa Saúde» (já então parcialmente demolida), cinco blocos de moradias, uma casa de habitação, num total de 8 045 m², dos quais 4 737,6 de área coberta³⁴.

Na rua Cabo Borges nos anos quarenta existiu também uma outra fábrica de malhas sob a firma António Queiroz, Lda.³⁵.

Outra unidade fabril que se implantou no princípio do século na nova avenida foi a *Fábrica d'Aguardente, Licores e Genebras* de Coelho Pereira Filha & Companhia, a qual em 1912 estava acompanhada pelos estabelecimentos de João Alves de Mattos e de Manuel Alves d'Oliveira, ambos na rua Luís de Camões³⁶.

Mas o estabelecimento «industrial» mais ousado desta zona, no final da Monarquia, situava-se à entrada do próprio tabuleiro superior da Ponte Luís I. Embora não fosse então classificado como industrial, hoje não teríamos dúvidas em registá-lo na «indústria do turismo». E o seu destino seria a indústria do mobiliário.

Trata-se do célebre e efémero «Casino da Ponte» que ocupava um bizarro conjunto de edifícios entre a rua depois chamada *do Casino da Ponte*, à cota do tabuleiro superior e, lá em baixo, a Calçada da Serra, distribuindo-se por patamares pela escarpa abaixo. O edifício principal aproveitara as cantarias do demolido mosteiro de S. Bento da Ave-Maria no Porto³⁷. Esta propriedade em 1950 possuía três verbas inscritas nas matrizes urbanas, sendo o «Casino», isto é, o edifício principal, destinado a comércio e os dois anexos destinados a indústria, um dos quais sobre socalcos³⁸. Em 1912 fora seu proprietário António Pinto Novais, que acabou por vender o estabelecimento a uma firma de vinhos que há uns anos a esta parte a arrendou a uma fábrica de móveis³⁹.

Definitivamente instalada a indústria nos novos arruamentos da Serra do Pilar, a República veio encontrar, para além dos já citados, os seguintes estabelecimentos⁴⁰:

- Fabricantes de capas de palha para garrafas na rua do Senhor d'Além
- Constantino Costa e Manoel Joaquim Pinto, este último também com oficina de carpintaria.

- Fabricantes de cofres e fogões na rua Luís de Camões, o já referido Henrique José d'Oliveira, que também fabricava móveis, e na rua 1.º de Maio, Joaquim Castro Silva.
- Fábrica de curtumes na rua dos Polacos, de Sousa Ferreira & C.ª.
- Serração a vapor na rua do Pilar, de Serafim Pereira de Sousa Ramos.
- Tanoaria, na mesma rua, de Manuel Joaquim de Sousa.
- Tipografias, para além da já mencionada, na rua Luís de Camões a «Cinco de Outubro», que editava um jornal com o mesmo título.

Entretanto também o sector dos vinhos se instala na Serra do Pilar:

- A. de Pinho & C.ª na rua do Pilar;
- Correia & Braga (Suc.) na mesma rua;
- Eduardo Edmundo Cardoso na rua Luís de Camões;
- Francisco António Raphael na rua Cabo Borges;
- Manoel Joaquim Pinto, que já vimos a propósito do fabrico de capas de palha e carpintaria, situado na rua Senhor d'Além.
- Reis & Sá, na rua do Pilar; e
- Rodrigues Pinho, na rua Senhor d'Além.

Este incremento das indústrias nesta zona arrastaria consigo outras actividades produtivas: em 1912 a Serra do Pilar tem sete padarias assim distribuídas: cinco na rua Luís de Camões e duas na rua dos Polacos⁴¹.

Com tanta fábrica e tanto forno não admira que os bombeiros municipais, sediados na velha rua Direita (então já Cândido dos Reis) e comandados por Eduardo da Costa Santos, o paciente editor de Camilo Castelo Branco, tenham aberto um quartel na rua dos Polacos⁴². É que já em 1905 ardera uma fábrica de tintas na avenida Campos Henriques, sobre a Calçada da Serra⁴³ e então os «soldados da paz» procuravam localizar os seus quartéis onde eles mais falta faziam.

Passadas algumas décadas, no fim da 2.ª Guerra Mundial, a Serra do Pilar continuava a albergar um bom número de indústrias que a seguir se enumeram⁴⁴:

- Caixotaria – Afonso Moreira na rua 1.º de Maio, 29;
- Calçado – *Jip*, na rua do Pilar, 12;
- Capas de palha para garrafas – Constantino da Costa, na Calçada da Serra;
- Carrinhos para crianças – *Osnofa* na rua 1.º de Maio, 29;
- Cromagens e Niquelagens – Ernesto Pinto & Monteiro na rua Luís de Camões, 525;
- Curtumes – Fábrica de Curtumes Beira Douro, na rua Cabo Simão;
- Dissolução para calçado – Alcino Pires Tavares, na rua Antero de Quental, 143 e Hamilton Lopes Pinhal, na rua Luís de Camões, 517;
- Latoaria – Manuel Rodrigues Amorim, na rua Marciano Azuaga, 64;
- Malhas – já referidas anteriormente
- Material eléctrico – Fábrica de Aparelhos e Acessórios Eléctricos Lda., na rua Cabo Simão, 50 e Tudel «Tudo de Electricidade, Lda.» Na rua Particular do Casino da Ponte, 11 a 15;
- Moagem de cereais – *Moagem de Gaia*, na rua Luís de Camões, 342;
- Ourives – Benjamim da Silva Coimbra, na rua Cabo Borges, 183 e Carlos Alberto G. Curado, na rua dos Polacos, 12;

- Rolhas – Evaristo Moura & C.^a, na rua 1.º de Maio, 55;
- Sulfureto de Carbono – já referida;
- Tanoarias – Guedes Teixeira & Fernandes, Lda, Lda. Na rua do Pilar, 6;
- Tintas e Vernizes – A *Esfinge* de Armando Gomes Pessanha na rua Rodrigues de Freitas e M. Fernandes do Couto, na rua Luís de Camões, 474;
- Tipografias – Barbosa, já referida; Daniel de Castro Silva, na rua dos Polacos, 100; Manuel Martins Ferreira, na rua Luís de Camões, 157; Mário Martins, na mesma rua, 494; e Rodrigo Pereira de Lima, na rua dos Polacos. Ao todo cinco tipografias na Serra do Pilar.

Quanto ao Vinho do Porto aparece-nos a firma Correia Ribeiro, Filhos, Lda., com armazém e tanoaria na rua Elias Garcia, 79, popularmente conhecida por «rua das pipas» e cujas instalações ainda existem, mas com outra serventia industrial, a anodização de alumínio; e Rodrigues Pinho, na rua Cabo Simão, 5.

Os vinhos de consumo e aguardente continuavam representados por Ribas & Rodrigues, Lda. na rua do Pilar, 20.

Em 1950 na própria área de protecção do mosteiro da Serra do Pilar encontravam-se alguns prédios destinados à indústria. Para além dos que já mencionamos alguns mais existiam na rua Senhor d'Além ou Cabo Simão, muitos deles já em ruínas, como os que eram propriedade de Manuel Gaspar Rodrigues e mulher e de João Cardoso de Barros.

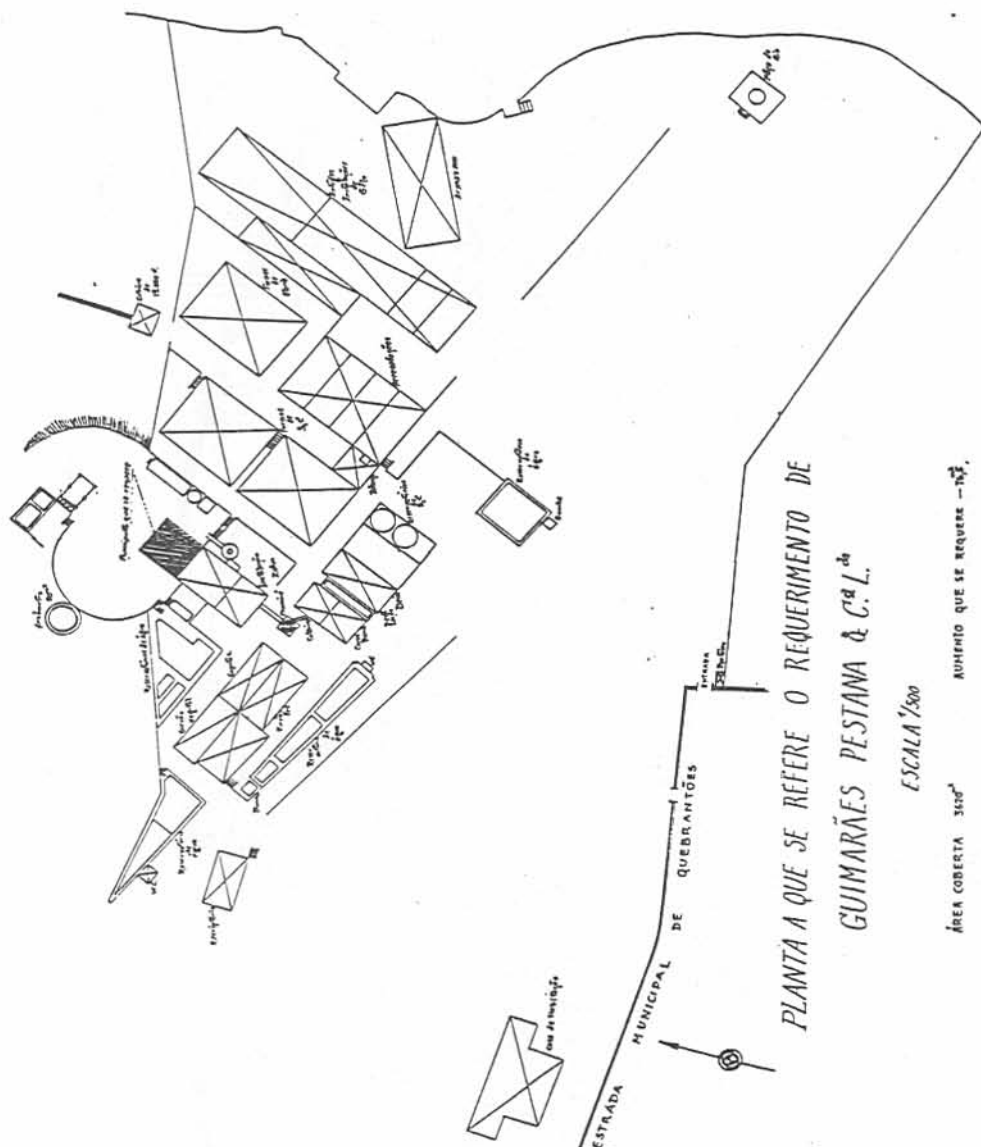
No início da rua General Torres n.ºs 27 a 33 exista um prédio destinado a fábrica de botões, propriedade de Alberto Pinto Cardeano, morador na Régua. Nos terrenos que eram propriedade do Ministério das Finanças e descritos como prédio militar, extraía-se pedra: assim, até 30 de Abril de 1939, o Estado arrendou a Serafim Alves Freitas uma pedreira na encosta Norte, junto ao Quartel e por despacho ministerial de 27 de Abril de 1949 foi o mesmo concedido a Crispim de Sousa pela quantia de 1 890\$00 anuais⁴⁵.

Muitas destas actividades industriais quase chegaram aos nossos dias. Porém nas últimas décadas quase todas as fábricas fecharam, uma após outra, quer as grandes quer as pequenas unidades. Outras partiram para espaços mais abertos. Nas áreas que antigamente ocupavam, a demolição das suas estruturas, ou mesmo após a sua transformação e reaproveitamento, ergueram-se prédios de habitação, de comércio e de serviços. Hoje a Serra do Pilar já não é um polo industrial da cidade de Vila Nova de Gaia. Restam alguns edifícios e chaminés a lembrar cento e cinquenta anos de industrialização. Talvez seja ainda possível preservar os mais importantes e assim manter de algum modo viva a memória desta actividade, transformando as ruínas em Património Cultural dos gaienses, dos portugueses, dos europeus e da Humanidade: deixamos como sugestão as ruínas da Fábrica do Senhor d'Além, os edifícios da antiga Fábrica do Gelo, a Casa do Registo, a Ponte Maria Pia, o Casino da Ponte e a Fábrica Manu. Com estes pólos é possível criar um circuito turístico-cultural que rentabilize para as novas gerações o que hoje é já quase só memória do polo industrial da Serra do Pilar⁴⁶.

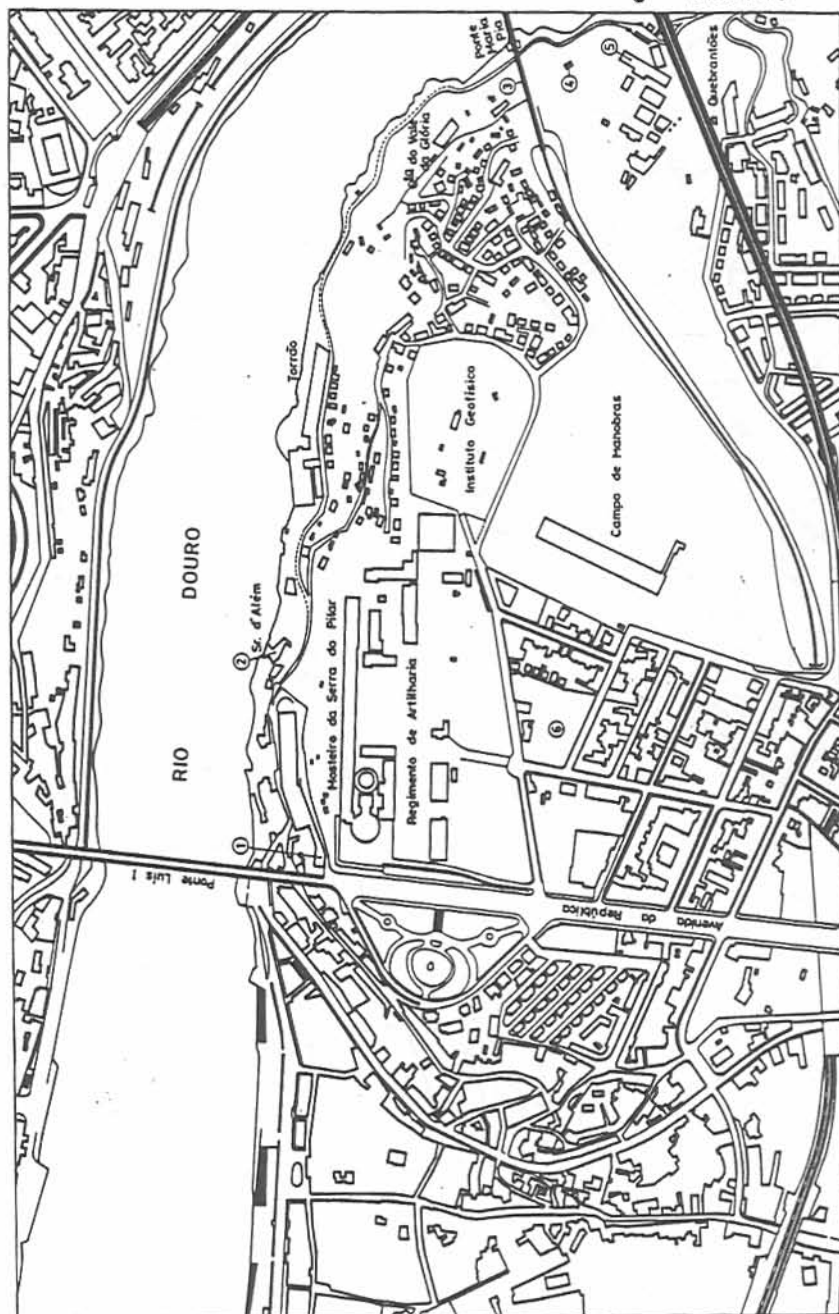
NOTAS

1. A este propósito ver FREITAS, E. A. da Cunha e (1987) – A ermida de S. Nicolau: um pleito curioso no século XVI, in *Gaya*, Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, vol. V, pp.131-136. A referência ao *guindastre* vem na p. 134.
2. A travessa da Barroca ainda hoje existe sob o nome de rua da Barroca, embora não tenha saído. Em tempos devia ligar a rua do Pilar à avenida Diogo Leite, mas no século XIX foi cortada pela rua General Torres, passando o troço nascente já neste século a designar-se por rua Guedes de Amorim. As referências aos fornos encontram-se em LEÃO, M. (1995) – A olaria vilanovense no século XVII, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, Vila Nova de Gaia, n.º 40, pp. 37-48, e as referências concretas aos fornos da travessa da Barroca na *meijoeira* nas pp. 42 e 43.
3. Sobre a indústria em Vila Nova de Gaia ver GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1997) – *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Associação Comercial e Industrial.
4. Sobre a distribuição das indústrias cerâmicas em Vila Nova de Gaia ver GUIMARÃES, J. A. Gonçalves [1994] – o forno cerâmico de St.º Ovídio – Vila Nova de Gaia. In *Arqueologia Industrial*. Braga (a publicar), e ainda SOEIRO, T.; ALVES, J. F.; LACERDA, S. & OLIVEIRA, J. (1995) – *A Cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas*. Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal.
5. *Descrição Topographica de Vila Nova de Gaya...* por João António Monteiro d'Azevedo, ... acrescentada... por Manoel Rodrigues dos Santos ... Porto, Imprensa Real, 1881, pp. 186-187.
6. *Descrição...* p. 185 e SOEIRO et al. (1995) p. 241.
7. *Almanach de Gaya 1912*, Porto, Imprensa Civilização, p. 111 e SOEIRO et al. (1995), p. 257.
8. GUIMARÃES (1997), p. 166.
9. *Descrição...* p. 424.
10. GUIMARÃES (1997), p. 165.
11. *Almanak do Porto e seu districto para 1899*, Porto, J. J. Vieira da Silva, p. 143.
12. *Descrição...* p. 190.
13. Esta fábrica terá sido fundada por António e Manuel Rodrigues dos Santos, sendo este último talvez o autor da *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaya* de 1861 que não a menciona, mas apenas a fábrica de cola ali instalada.
14. *Almanak do Porto e seu districto para 1897*, Porto, J. J. Vieira da Silva, p. 168 e SOEIRO et al. (1995), pp. 258-261.
15. Artigo de *O Tripeiro*, ano IX, V Série, p. 30 citado por ALMEIDA, L. Gomes Alves de (1985) – *Notas monográficas sobre a freguesia de Santa Eulália de Oliveira do Douro*, Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, p. 205.
16. *Almanak...* 1897, p. 167.
17. *Almanach de Gaya 1912*, p. 122.
18. Arquivo Geral da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Proc.º, 162/44 (Guimarães Pestana & C.ª, Lda.).
19. *Vila Nova de Gaia e as suas freguesias – 1948 (Industrial Comercial e Turística)*, Porto, *O Nosso Concelho*, organização e edição de Carlos Sousa Machado e Silvino Magalhães, p. 49.
20. Ver GUIMARÃES (1997), p. 117 e *Mea Villa de Gaya*, pp. 108 e 109.
21. GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1995) – O lugar do Torne. Estudo de microtoponímia gaiense. In *Gaia de há cem anos*, Vila Nova de Gaia, Igreja Lusitana, p. 23 e mapa p. 32.
22. Ver Nota 15.
23. Ver *Almanak...* 1897, p. 158; *idem...* 1899, p. 152; *Almanach...* 1912, p. 121; ver ainda facturas arquivadas no Livro de Correspondência da Câmara de Vila Nova de Gaia 03.01.01 - 53 (1929-1934) do Arquivo Histórico Municipal (Solar Condes de Resende).
24. Cadastro geométrico da zona de protecção do mosteiro da Serra do Pilar, 1950, publicado por CORREIA, M. T. Rodrigues de Almeida (1997) – O Mosteiro da Serra do Pilar – de casa monástica de quartel de artilharia, Porto. Seminário de licenciatura apresentado à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, p. 71; prédio n.º 68.
25. Ver *Almanak...* 1897 e *idem* 1899.
26. Agradeço ao Senhor Tenente-coronel José Cunha, ex-oficial do RASP, esta informação.
27. *Almanak...* 1899.
28. *Almanach...* 1912, pp. 110, 111 e 121 e MOREIRA, R. (1996) – Litografia Lusitana – a primeira a executar selos postais portugueses. In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, Vila Nova de Gaia, 41, pp. 41-42.
29. *Vila Nova de Gaia...* 1948, p. 23 e contra-capas interior.

30. COUTO, L. Ribeiro (1995) – A ponte Luiz I e o urbanismo fim-de-século em Vila Nova de Gaia. In *Gaia de há cem anos...*, pp. 261-280.
31. *Mea Villa de Gaya*, p. 99.
32. *Almanach...1912*, pp. 111, 112 e 114.
33. *Idem*, p. 114.
34. *Vila Nova de Gaia... 1948*, p. 33 e Cadastro geométrico... 1950, in CORREIA (1997), p. 79, prédio n.º 105 (ver Nota 24).
35. *Vila Nova de Gaia... 1948*, p. 33.
36. *Mea Villa de Gaya*, p. 103 e *Almanach... 1912*, p. 104.
37. *Mea Villa de Gaya*, p. 101. Não conhecemos qualquer documento que nos assegure que as cantarias do *Casino da Ponte* vieram do mosteiro de S. Bento da Ave Maria do Porto. Apenas o afirmamos baseados na semelhança imediata e irrecusável entre as arcarias da parte do mosteiro que ficava voltado para a actual praça Almeida Garrett, cuja demolição se iniciou a 17 de Maio de 1892 (VITORINO, P. (1937) – *Notas de Arqueologia Portuense*, Porto, Câmara Municipal, p. 197), e as da fachada norte do *Casino*, construído seguramente depois daquela data.
Curiosamente outras cantarias do *Casino*, nomeadamente as da fachada poente, são muito parecidas com as da capela da Senhora do Ó que existiu sobre a muralha do Porto junto à Praça da Ribeira, demolida em 1821 (VITORINO, *op. cit.* pp. 47-62 e *idem* Senhora do Ó: a sua capela junto da Porta da Ribeira. In *O Tripeiro*, Porto, série 3 ano 2, n.º 45 (1917-28) pp. 328-330. A análise destas curiosas coincidências ficará para outra oportunidade. Sobre o demolido Mosteiro ver ainda MARTINS, M. de F. Silva (1997) – O Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto. Seminário de licenciatura apresentado à Universidade Portucalense.
Agradecemos à Dr.ª M. Paula Cunha do Arquivo Histórico Municipal do Porto os trabalhos de Pedro Vitorino sobre a Capela da Senhora do Ó.
38. Cadastro geométrico... 1950, in CORREIA (1997), p. 72, prédio n.º 73 (ver Nota 24).
39. *Almanach...1912*, p. 119. Já então o *Casino* aparecia apenas como restaurante. Nos anos 50/60 o edifício ostentava o reclame «Porto Barros» e albergava a firma «J. Loureiro Lda. – venda de mobílias completas e avulso – colchoaria».
40. *Almanach...1912*, p. 99 e seguintes.
41. *Idem*, p. 116.
42. *Idem*, p. 104 e CABRAL, A. (1989) – *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa, Editorial Caminho, p. 586.
43. Situava-se esta fábrica num «chalet» de Joaquim Avilez Coelho na avenida Campos Henriques, «à saída da ponte, lado esquerdo» (*O Tripeiro*, VI série, ano XI, 1971, p. 27). O incêndio destruiu igualmente «os três pavimentos que davam para a Calçada da Serra», o que nos leva a supor que o edifício em questão é o que em 1908 se denominava *Casino da Ponte*, obviamente depois de reconstruído.
A Calçada da Serra é uma das mais antigas artérias de Vila Nova de Gaia, devendo ser mesmo anterior à construção do Mosteiro em 1537, embora desde então fosse a principal via entre a sua portaria e a praia de Vila Nova. Em 1713 foi calçada pelo mestre constructor José Rodrigues (LEÃO, M. (1992) – Artífices gaienses no séc. XVIII. In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, n.º 33, p. 23).
44. *Vila Nova de Gaia... 1948*, p. 9 e seguintes.
45. Cadastro geométrico... 1950, in CORREIA (1997), pp. 66, 74 e 75, prédios n.ºs 21, 77, 78 e 80, respectivamente (ver Nota 24).
46. Sobre as origens e evolução deste polo industrial de Vila Nova de Gaia ver GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1998) – *A Serra do Pilar – Património Cultural da Humanidade*. Vila Nova de Gaia, Fundação Salvador Cactano.



A Fábrica de Sulfureto de Carbono em 1944



O pólo industrial da
Serra do Pilar

- 1 - Casino da Ponte
- 2 - Fábrica do Sr. d'Além
- 3 - Ponte Maria Pia
- 4 - Casa do Registo
- 5 - Fábrica do Gelo
- 6 - Fábrica Mem



O pólo industrial da Serra do Pilar na actualidade